



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O ESPAÇO GEOGRÁFICO: ENTRE MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Geisa Flores Mendes *
(UESB)

RESUMO

O presente artigo busca estabelecer um diálogo entre as categorias espaço, memória e representações sociais. Para esse exercício foi feito um levantamento de autores que abordam as categorias mencionadas e que podem ser utilizados para suscitar a aproximação pretendida. Tal iniciativa decorre da necessidade de apresentar alguns apontamentos que possibilitem aos interessados nessa articulação teórica vislumbrar possibilidades de realização de pesquisas no âmbito da ciência geográfica partindo do suposto de que a memória e as representações sociais também contribuem para o processo de produção do espaço geográfico.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço. Memória. Representações Sociais.

INTRODUÇÃO

O propósito desse artigo é o de buscar estabelecer um diálogo entre as categorias espaço, memória e representações sociais. Tal motivação se deve ao fato de que no âmbito da ciência geográfica, a memória e as representações sociais ainda permanecem pouco discutidas, embora o interesse pelas pesquisas acadêmicas que possibilitem tal articulação seja crescente. O percurso desenvolvido revela

*Doutora em Geografia pela UFS. Professora do Departamento de Geografia da UESB. Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq intitulado Espaço, Memória e Representações Sociais e Coordenadora da Pesquisa intitulada Memórias, discursos e representações sociais: Um olhar para os 25 anos do Curso de Geografia da UESB (UESB, CNPq, Fapesb). E-mail: geisauesb@yahoo.com.br



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

inquietações e suscita reflexões que podem instigar novas possibilidades de pesquisa em que tais categorias sejam utilizadas como aporte teórico.

Massey (2008), no prefácio à edição brasileira do seu livro *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade* apresenta o argumento fundamental desenvolvido no percurso da obra com a afirmativa “[...] importa o modo como pensamos o espaço”, pois “[...] o espaço é uma dimensão implícita que molda nossas cosmologias estruturantes. Ele modula nossos entendimentos do mundo, nossas atitudes frente aos outros, nossa política” (MASSEY, 2008, p. 15). Importa, portanto, o modo como pensamos o espaço e o entendemos considerando a impossibilidade de compreender a sua produção sem levar em conta a memória e as representações sociais também como instituintes desse processo.

A geografia, desde a sua sistematização, passou por algumas fases, que, conforme Moreira (2006), podem ser assim sintetizadas: a fase da ciência da descrição da paisagem, que marcou seu período epistemológico inicial; a da ciência da relação homem-meio, característica de um período intermediário; e, mais recentemente, a fase da ciência da organização espacial das sociedades, que busca compreender os processos envolvidos na produção do espaço. No que concerne, entretanto, aos aspectos referentes à memória e às representações sociais desse espaço, responsáveis também por sua produção, os estudos ainda permanecem esparsos.

Geógrafos, com perspectivas de análises diversas, já explicitaram que tanto a memória quanto as representações estão impregnadas de signos e referentes geográficos. Para Holzer (2000, p. 111), “[...] qualquer trabalho que se refira à espacialidade humana deve referir-se à memória”. Na expressão de Corrêa (1997, p. 294), “[...] o espaço geográfico é também um campo de representações simbólicas, rico em signos que cumprem a função de expressarem as estruturas sociais em suas mais diversas dimensões”. Para Almeida (2003), com o conhecimento das representações, é possível captar toda a riqueza de valores que



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

dá sentido aos lugares de vida dos homens e mulheres. Castro (1997, p. 177), por sua vez, assinala que “A complexidade da tarefa de compreender o mundo, nada simples, e a necessidade de perceber tanto os processos visíveis como aqueles decorrentes da simbologia dos lugares, seus aspectos míticos e suas conotações subjetivas têm sido também preocupação dos geógrafos”.

Acredita-se, portanto, que memória e representações sociais possibilitam um olhar multifacetado e proporcionam a percepção de vertentes ainda pouco exploradas e muito ricas de significados no que concerne ao espaço geográfico.

Memória e representações sociais estão intrinsecamente associadas ao processo de produção socioespacial. Arruda (2000, p. 163) auxilia nessa compreensão ao ressaltar que “As memórias construídas sobre os espaços geográficos possuem grande influência na constituição dos sentimentos de identidade nacionais ou regionais, no pensamento político e no próprio processo de transformação dos mesmos espaços geográficos”.

Conforme enfatiza Moraes (2005), a temática das representações espaciais ou do que ele denominou de consciência do espaço tem sido ainda pouco explorada no Brasil. Diante dessa condição, o autor assegura que “Apesar de os imperativos territoriais cumprirem um importante papel em nossa formação, a discussão brasileira acerca das relações entre política e cultura não tem atentado o suficiente para as representações e discursos referentes ao território” (MORAES, 2005, p. 11). É nesse sentido que Cantero (1987, p. 111) também afirma: “[...] la Geografía es una representación cultural del mundo y el modo de expresarse no es – no puede ser – insignificante”.

Certamente os temas geográficos manifestam-se em vários e diversificados contextos discursivos e, por conseguinte, “Em meio a essas múltiplas manifestações vão sedimentando-se certas visões, difundindo-se certos valores. Enfim, vai sendo gestado um senso comum a respeito do espaço. Uma mentalidade



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

acerca de seus temas. Um *horizonte* espacial, coletivo” (MORAES, 2005, p. 32, grifo do autor).

A ideia de horizonte espacial coletivo apresentada por Moraes (2005) revela-se enriquecedora na abordagem desenvolvida, uma vez que esses horizontes se constituem em saberes sobre o espaço, os quais emergem em diferentes contextos discursivos, a exemplo da imprensa, da literatura, do pensamento político, da ensaística, da pesquisa científica etc.

Não resta dúvida quanto à necessidade de considerar as formas espaciais como uma inextricável costura histórica e social. E, nesse sentido, a sua produção

[...] passa inapelavelmente pelas representações que os homens estabelecem acerca do seu espaço. Não há humanização do planeta sem uma apropriação intelectual dos lugares, sem uma elaboração mental dos dados da paisagem, enfim, sem uma valorização subjetiva do espaço. As formas espaciais são produto de intervenções teleológicas, materializações de projetos elaborados por sujeitos históricos e sociais. Por trás dos padrões espaciais, das formas criadas, dos usos do solo, das repartições e distribuições, dos arranjos locacionais, estão concepções, valores, interesses, mentalidades, visões de mundo. Enfim, todo o complexo universo da cultura, da política e das ideologias (MORAES, 2005, p. 16).

Essas ponderações sinalizam para o imperativo de buscar entender os mecanismos envolvidos na produção socioespacial. Os atores participantes desse processo são movidos por uma miríade de necessidades, interesses, desejos e sonhos. Subjacente a esses pressupostos, torna-se imprescindível considerar as tessituras espaciais como construções vinculadas também aos movimentos da memória e das representações. Construções essas que, por meio de uma complexa articulação de forças e interesses sociais, estão envolvidas em tramas de lembranças e esquecimentos em que sujeitos historicamente situados criam e recriam, reafirmam e ressignificam suas concepções, tradições e sentidos atribuídos ao espaço.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Exemplos do dia-a-dia podem ser facilmente observados para se compreender melhor a simbiose entre memória, representações e produção espacial. Ao configurar na memória uma representação acerca de um dado espaço as condutas adotadas pelos sujeitos e grupos sociais passam a se produzir nas relações espaciais ao mesmo tempo em que são produzidas também por tais relações. É assim que se pode enfatizar que memória e representações sociais não se vinculam exclusivamente a um *status* subjetivo, como alguns poderiam advogar. Mas, passam, também, objetivamente, a se materializar no espaço. Então, a subjetividade objetiva-se em ações e práticas que interferem na produção socioespacial.

O espaço como categoria central da geografia encerra todas as outras categorias geográficas e é entendido, neste estudo, como produção social. Afina-se, portanto, com a concepção de Massey (2008), que estabelece algumas proposições fundamentais acerca do espaço: primeiro, reconhece-o como produto de inter-relações, como sendo constituído por meio de interações; segundo, compreende-o como a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade; e terceiro, reconhece-o como processo em construção.

Com tais proposições, confirma-se que o espaço está em constante processo “[...] de fazer-se. Jamais está acabado, nunca está fechado. Talvez pudéssemos imaginar o espaço como uma simultaneidade de histórias até-agora” (MASSEY, 2008, p. 29). O constante fazer-se do espaço requer a compreensão de que é impossível apreendê-lo sem considerar, simultaneamente, as suas múltiplas dimensões. Assim, não há espaço geográfico sem uma sociedade que historicamente o produza, tanto no seu sentido material quanto simbólico.

Em se tratando especificamente do conceito de memória, destaca-se a sua pluralidade de sentidos e usos. A memória traz à tona uma multiplicidade de significados e denomina diferentes formas de experiência humana. Essa diversidade resulta, na maioria dos casos, em aspectos complementares e não



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

antagônicos. Uma das características da construção do conceito de memória social – aceção aqui adotada – é que este não se realiza no interior de nenhuma disciplina específica, produz-se, antes, na interseção de diferentes saberes e práticas. Trata-se, portanto, de uma fecundação entre disciplinas (GONDAR, 2005).

Antes desse atravessamento, entretanto, convém enfatizar que, por bastante tempo, essa categoria foi identificada apenas num plano individual e se revestia de um caráter estritamente psicológico. Somente a partir do século passado é que se começou a discutir e apreender a possibilidade da memória não ser uma categoria puramente individual e psicológica. Admite-se hoje que memória é uma construção social, e não a verdade do que passou ou do que existe. Nessa perspectiva, “[...] Ela não nos conduz a reconstituir o passado, mas sim a reconstruí-lo com base nas questões que nos fazemos, que fazemos a ele, questões que dizem mais de nós mesmos, de nossa perspectiva presente, que do frescor dos acontecimentos passados” (GONDAR, 2005, p. 18).

Na obra *La mémoire collective* [A memória coletiva], publicada em 1950, Halbwachs estabeleceu a consolidação do elo entre memória individual e memória coletiva. O autor sustentou a tese de que, mesmo que o indivíduo estivesse só, recordaria por meio de memórias que não seriam somente suas.

É nesse sentido que o caráter social da memória é insistentemente demonstrado, pois, como formula Halbwachs (1990 [1968]), cada indivíduo está mergulhado ao mesmo tempo ou sucessivamente em vários grupos. Para ele, cada membro de determinado grupo tem, sem dúvida, uma perspectiva própria que, no entanto, só adquire sentido por sua estreita relação e correspondência com os outros membros do grupo. A memória individual se apoia, portanto, na memória social, uma vez que, ainda de acordo com o autor, toda a história de nossa vida faz parte da história social. Dessa forma, a memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas, já que evolui de acordo com categorias próprias e específicas.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A memória coletiva, ainda de acordo com Halbwachs, está intimamente vinculada a duas categorias: tempo e espaço. Em relação ao tempo, ele afirma que a memória de uma sociedade estende-se até onde atinge a memória dos grupos dos quais ela é composta. No que se refere a espaço, para o autor, não existe memória coletiva que se desenvolva fora de um quadro espacial e destaca, com efeito, que:

O espaço é uma realidade que dura [...] não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que, em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção [...] (HALBWACHS, 1990 [1968], p.143).

Ao afirmar que o lugar recebe a marca do grupo, e vice-versa, o autor considera que todas as ações de um grupo podem se traduzir em termos espaciais. As imagens espaciais, para ele, desempenham, então, um papel fundamental na memória coletiva.

Esta formulação, além de reiterada no estudo ora apresentado, pode ser reinterpretada de modo que, mais do que a vinculação a um grupo, se possa pensar na mediação da experiência do vivido como referência da memória, e, nesse caso, a intersecção com o espaço é inevitável. Para tanto, considera-se a produção socioespacial com base numa relação dialética complexa entre o vivido, o percebido e o concebido.

O entrelaçamento entre memória e espaço é ainda considerado por Claval (2002) ao assegurar que a identidade dos grupos sociais guarda uma dimensão espacial, pois um grupo só pode figurar num espaço em que os elementos da sua história estão presentes. A ideia de espaço como lugar praticado é compartilhada por geógrafos, como Bonnemaïson (2002, p. 91), que considera, por exemplo, que “[...] a correspondência entre o homem e os lugares, entre uma sociedade e sua



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

paisagem, está carregada de afetividade”. Tal ênfase pode ser encontrada também em Santos (2003, p. 20) ao afirmar que a memória “[...] é sempre condição da inserção dos indivíduos no espaço e tempo [...]”.

A memória pode ser vista, então, como legítima expressão da experiência coletiva, uma vez que tem o poder de identificar o grupo, conferir-lhe uma identidade peculiar, proporcionar sentido ao seu passado, dar coerência ao seu presente e definir as suas aspirações futuras. Fentress e Wickham (1992, p.70) corroboram essa afirmação e evidenciam que “[...] a memória não é meramente retrospectiva; é também prospectiva. A memória dá uma perspectiva para a interpretação das nossas experiências no presente e para a previsão do que virá a seguir”. Tal entendimento é confirmado por Carlos (1996, p. 63) quando enfatiza: “[...] a memória aproxima, faz mover/retroceder o tempo. É o campo do irreduzível, é o que permite ao passado se aproximar. Enquanto há o que recordar, o passado se enlaça no atual e conserva a vivacidade cambiante que significa uma ausência em presença”.

Estudos e discussões sobre memória social atualmente têm partido de uma perspectiva construtivista, que estabelece uma análise de como os fatos sociais se constroem, como são cristalizados na memória e, principalmente, focaliza os “[...] processos e os atores que intervêm no trabalho de constituição e formalização das memórias” (POLLAK, 1989, p. 04).

A memória social está, também, incontestavelmente atrelada ao processo de configuração de representações, e estas, inevitavelmente, se articulam intensamente com o processo de produção do espaço. Ora, tanto a memória quanto as representações são fenômenos socialmente construídos e estão sempre em curso, produzindo sentidos e territorialidades.

A memória coletiva é constituída de múltiplas representações que se articulam entre si, que têm um movimento contínuo sobre solicitações do contexto presente e da incorporação de novas representações. A memória, assim, não seria



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

entendida como depositária dessas representações, mas como constituída por elas. Halbwachs (1990 [1968]) explorou a memória por meio de suas representações, creditando a elas a função de organizar a sociedade. Diante desse desdobramento, torna-se imperativo tecer algumas notas acerca do conceito de representações sociais.

Quando se pensa no termo representação, imediatamente ele é associado a outras categorias e elementos como: cultura, símbolos, mitos, crenças, valores, visão de mundo etc. Essa característica faz com que a categoria representação seja extremamente dinâmica e relacional e, por isso, mesmo social.

Na abordagem das representações, Claval (1999, p. 86) assinala que “[...] sem elas [as representações] não se compreende nunca como as coisas são concebidas e quais significados elas têm na vida dos homens”. Utilizando também esta categoria em suas análises, Almeida (2003, p. 73) destaca que, no processo de sua adoção, “[...] abriu-se uma via de estudos, pela inclusão do imaginário no trato dos objetos geográficos”.

Do ponto de vista sociológico, Durkheim (1912) foi o primeiro autor a usar explicitamente o conceito de representações coletivas, abordando o campo das representações como problemática. As representações individuais teriam, para ele, uma profunda inspiração coletiva. Durkheim associou esse conceito a categorias do pensamento, por meio das quais, determinada sociedade elabora e expressa sua própria realidade. Para ele, essas categorias não são dadas *a priori*, mas surgem ligadas aos fatos sociais. A sociedade “[...] organiza-se em nós de forma duradoura, suscitando todo um mundo de idéias e sentimentos que a exprimem, mas que, ao mesmo tempo, são parte integrante de nós mesmos”. Portanto, “[...] as representações são a trama da vida social e são, também, a trama de nossa vida interior” (DURKHEIM, 1989 [1912], p.322-323).

É como membro de diversos grupos que os homens se representam e constroem representações de territórios, lugares, objetos, instituições ou fatos. Sob



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

esta ótica, as representações não podem ser entendidas fora de uma dimensão de alteridade, de uma teia de relações entre os indivíduos na sociedade da qual fazem parte. Nesse sentido, Bailly (1992) esclarece que as representações sociais, como sistemas de interpretação, também regem as relações do homem com o mundo e com os outros, orientam e organizam os comportamentos e as comunicações sociais e interferem na definição de identidades sociais e territoriais.

Moscovici, em *A Representação Social da Psicanálise* (1978 [1961]), inaugura, na psicologia social, o campo de estudo das representações sociais e assume explicitamente que sua matriz teórica está vinculada aos estudos das representações coletivas suscitados por Durkheim. Critica, entretanto, o caráter estático da representação coletiva, pois concebe as representações sociais de maneira mais plástica e relacional, preocupando-se também com o processo de transformação de imagens e conceitos, que culmina na produção de uma representação (GONDAR, 2005, p. 23). Assim, imprime um amplo dinamismo à sua análise, confirmando que "[...] representar uma coisa, um estado, não consiste simplesmente em desdobrá-lo, repeti-lo ou reproduzi-lo, é reconstituí-lo, modificar-lhe o texto". (MOSCOVICI, 1978, p.58).

Uma multiplicidade de ações e vozes configura memórias e institui representações que são partilhadas por determinados grupos. Assim, entende-se que as representações sociais são elaboradas no âmbito dos fenômenos comunicacionais. A comunicação social seria, portanto, responsável pelo modo como se forjam essas representações. Nesse sentido, Cosgrove (1998b, p. 5) assinala: “[...] a produção e reprodução da vida material é, necessariamente, uma arte coletiva, mediada na consciência e sustentada através de códigos de comunicação”. Para o autor, “[...] toda atividade humana é, ao mesmo tempo, material e simbólica, produção e comunicação. Esta apropriação simbólica do mundo produz estilos de vida (*genres de vie*) distintos e paisagens distintas, que são histórica e geograficamente específicos” (COSGROVE, 1998b, p. 5).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Para Chartier (1990), as representações estão sempre assentadas numa perspectiva de concorrência e competição, associadas, portanto, a poder e dominação. Por não serem necessariamente conscientes, são muitas vezes determinadas por grupos que as forjam, se configurando, portanto, como produto de estratégias de interesses e relações de poder. Assim, destaca-se a necessidade de relacionar os discursos proferidos à posição de quem os utiliza. No processo de constituição de representações, é imprescindível saber o quê, como e de onde se fala sobre alguma coisa ou fato, pois “[...] as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (CHARTIER, 1990, p.17).

É nesse âmbito que Chartier (1990) explicita a necessidade de acabar com os falsos debates que estabelecem uma oposição entre a objetividade das estruturas e a subjetividade das representações, uma vez que, para ele, não há oposição entre o mundo real e o mundo das representações. Lowenthal (1961), do mesmo modo, considera tal aspecto ao enfatizar a necessária postura de estabelecer o fim da delimitação entre objetividade e subjetividade nas discussões geográficas.

Com esse entendimento, torna-se imperativo analisar o modo como as práticas culturais e as representações interferem nos processos de produção do espaço geográfico.

CONCLUSÕES

Com o viés da memória e das representações sociais, adentrou-senos marcos conceituais que sustentam os debates em torno dessas categorias, na tentativa de aproximá-las de um enfoque geográfico. O percurso realizado demonstra as possibilidades de análise do processo de produção do espaço pelo



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

viés da memória e das representações sociais. Tal intuito teve o objetivo de compreender um movimento que não deve ser desconsiderado: a relação entre a geograficidade da experiência humana e a elaboração de um conhecimento que qualifica o espaço, conferindo-lhes significados na memória e nas representações sociais. Esse movimento, inegavelmente, expressa valores simbólicos e constitui-se em ações estruturantes do espaço com repercussões significativas na sua configuração.

Tal exercício permite desvendar significados e mergulhar na essência de fenômenos espaciais ainda pouco percebidos. Assim, as considerações aqui brevemente expostas servem de balizamento teórico para estudos que intencionem “olhar” o processo de produção do espaço por meio também da memória e das representações sociais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. G. de. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. In: ALMEIDA, M. G. de; RATTTS, A. J. P. (Org.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.
- ARRUDA, G. **Cidades e sertões: entre a história e a memória**. Bauru: EDUSC, 2000.
- BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- CANTERO, N. O. **Geografía y cultura**. Madrid: Alianza, 1987.
- CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CASTRO, I. E. de. Imaginário político e território: natureza, regionalismo e representação. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Explorações geográficas: percursos no fim de século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CLAVAL. P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.
- CORRÊA, R. L. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- FENTRESS, J.; WICKHAM, C. **Memória social: novas perspectivas sobre o passado**. Lisboa: Teorema, 1992.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

GONDAR, J. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, J.; DODEBEI, V. (Org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

HALBWACHS, M.A **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. [1968].

HOLZER, W. Memórias de viajantes: paisagens e lugares de um novo mundo. **GEOgraphia**. Niterói, ano 2, n. 3, p. 111-122. 2000.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORAES, A. C. R. de. **Ideologias geográficas**: espaço, cultura e política no Brasil. 5. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MOREIRA, R. **Para onde vai o pensamento Geográfico?** São Paulo: Contexto, 2006.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3. 1989.

SANTOS, M. S. dos. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.